A Figura Feminina como (des)Construção do Ser no conto "A Caligrafia de Deus" de Márcio Souza[1]

Everton Mateus Moura Castro[2]

Resumo: O presente trabalho propõe o estudo do conto *A Caligrafia de Deus* (1993) de Márcio Souza, sobre o qual se objetiva analisar a (des)construção do ser social na representação da figura feminina, inserida nos moldes da modernização da sociedade manauara pós ciclo da borracha, precedida pela implantação da Zona Franca de Manaus. Da leitura da narrativa, é possível perceber os conflitos e questionamentos sociais e psicológicos sob os quais se (des)constrói a personalidade da personagem Izabel Pimentel, diante dos processos de identificação frente a sua condição como mulher e sujeito social em busca da afirmação de seu caráter. Para esta análise foi necessário o levantamento bibliográfico de cunho teórico e crítico que abordasse a temática aqui proposta, baseando-nos em autores como Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Costa (2005), Gondim (2007), Hall (2005), Michel (1982), Souza (1978) e (2009), Woolf (2012), Zolin (2009), entre outros.

Palavras-chave: Figura Feminina. (Des)construção. A Caligrafia de Deus.

Abstract: This work proposes the study of the short story *A Caligrafia de Deus* (1993) by Márcio Souza, upon which aims to analyze the (de) construction of the social representation of the female figure, set in the mold of the modernization of "manauara" society post rubber cycle, preceded by the implementation of the "Zona Franca". Reading the narrative, it is possible to understand the social and psychological conflicts under which are (des)construct the Izabel Pimentel's personality as charater, faced with identification processes in front of her condition as a woman and a social subject in search of the affirmation of her identity. For this analysis it was necessary a bibliographic survey of theoretical and critical nature that dealed the theme proposed here, We based on authors as Pitanguy and Alves (1985), Beauvoir (1980), Costa (2005), Gondim (2007), Hall (2005) Michel (1982), Souza (1978) and (2009), Woolf (2012), Zolin (2009), among others.

Keywords: (De)construction. Female Figure**.** *A Caligrafia de Deus.*

INTRODUÇÃO

As transformações que aconteciam na Manaus da metade do século XX, a crise pós ciclo da borracha, e mudanças no comportamento social da época, nos dão base para uma análise da representação da figura feminina como (des)construção do ser social no conto *A Caligrafia de Deus*, de autoria de Márcio Souza.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação do professor José Amarino Maciel de Brito, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM; notreve.castro@gmail.com

A análise do conto foi divida em duas partes: primeiro na análise das principais personagens femininas; Izabel Pimentel, Maria Pimentel e Madre Lúcia, para que possamos entender a construção da figura da mulher amazônica da década de 70, sob a visão do autor, e depois a análise da vida da protagonista, Izabel Pimentel (Índia-Potira) como personificação da desconstrução do indivíduo frente as convenções sociais e culturais da Manaus do século XX.

Para tanto, realizou-se um levantamento teórico sobre as teorias do Feminismo, do papel social da mulher inserida numa sociedade patriarcal, e a discussão sobre os processos de identificação e construção da personalidade do ser frente a uma sociedade degradante, e como as condições em que a mulher, como ser social, é exposta e influenciada.

Neste trabalho, utilizamos de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, baseada em teóricos como Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Hall (2005), Michel (1982), Souza (2009), Zolin (2003), Woolf (2012) entre outros que vão falar dos aspectos conceituais acerca das teorias do Feminismo e da (des)construção do ser.

1. O papel da mulher ao longo da história

Ao longo da história a mulher teve diferentes papéis dentro da sociedade, estes foram marcados por avanços e retrocessos desde a mulher primitiva à mulher moderna. Temos vários modelos de mulher que evoluíram e passaram a ter importância fundamental no meio social, político e filosófico até a conquista pelos seus direitos.

Em determinados momentos a mulher exercia diversas profissões, porém em outros momentos esteve subjugada ao tratamento favorável aos homens, tornando-se mulheres passivas, sem iniciativa, capazes de exercer apenas o trabalho doméstico, restritas ao casamento e a educação dos filhos. Woolf (2004) usa uma figura metonímica para definir essas mulheres: o anjo do lar. Segundo ela essa figura “era extremamente simpática [...] sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião, vontade própria.” (WOOLF, 2004, p.12).

Antes da conquista de seus direitos, a mulher era vista em condição inferior à do homem, isso se dava pelas obrigações sociais e matrimoniais que ela exercia, e constituindo uma estrutura de casta no ambiente do casamento, onde a mesma ocupava o

último degrau da escala social e matrimonial. Por exemplo, quando o homem saia à caça a mulher ficava em casa cuidando dos filhos e fazendo os afazeres domésticos, suprimindo seu papel a apenas uma “escrava” do lar. O homem era visto como forte e dominador em relação à ela, porque manuseava armas, mas segundo Beauvoir (2004) isso não explica o fato da mulher ser inferior a ele, uma vez que ela também era a responsável por desempenhar atividades fundamentais para a vida na sociedade: a fabricação de vasilhames, tecelagem e colheita. Beauvoir faz uma relação entre o trabalho da mulher com o trabalho escravo para mostrar o quão ele era sofrido, frisando a perda da liberdade e a derrota do sexo feminino.

> Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece: senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste a grande derrota do sexo feminino (BEAUVOIR, 1949, p. 74).

Andrée Michel, 1982, em seu livro *O Feminismo, Uma Abordagem Histórica*, faz um panorama social e histórico sobre as sociedades passada e como a mulher aparece dentro delas e debate sobre a condição feminina nas suas diferentes expressões, em uma análise da convivência dessa mulher nos diferentes grupos éticos.

Na sociedade Paleolítica as mulheres eram iguais ou superiores ao homem em sua condição social, pois eles exerciam as mesmas funções. As mulheres trabalhavam na colheita e também caçavam junto com os homens, uma vez que nessa sociedade não havia a ambição de multiplicar os bens. A divisão do trabalho e a sobreposição de um sexo a outro era desnecessária, homens e mulheres tinham que cooperar com o trabalho. Diferentemente do período da Primeira revolução Neolítica, onde havia uma sociedade matriarcal, pois à medida que o campo não estava em boas condições de trabalho e a caça se tornava cada vez mais rara, a mulher foi responsável pelo surgimento de novas técnicas como a fabricação de mós de pedras maiores e mais pesados que serviam no uso de trituração de grãos à fiação e tecelagem.

Já no mundo Muçulmano e Bizânico as mulheres eram cultas. Havia muitas teólogas, poetisas, rainhas e estudiosas. Elas estavam presentes em grande número na universidade e tinham participação ativa nas decisões políticas. Isto se estendeu até o final do século XI, quando a igreja retirou das mulheres as funções importantes que exerciam,

assim a mulher teve um recuo no seu desempenho dentro dessas duas sociedades, negadas aos direitos que tinham antes.

Já no Renascimento, no século XV e XVI, segundo Michel (1982) a mulher comerciante na Inglaterra tinha seus direitos protegidos por lei, e mesmo que ela fosse casada, podia conduzir seus negócios e recorrer à justiça, por iniciativa própria e sem a procuração do marido para exercer seu papel.

Na França, no século XVI, que se tem um grande exemplo de mulher que lutou pelos direitos das mulheres, Christini de Pizan (1364-1430). Mesmo com a grande repressão sofrida pela igreja e pela monarquia ela não desistiu de lutar pela educação feminina em todas as classes sociais e estudou estratégias que pudessem diminuir o poder da guerra. Deu o ponta pé inicial às teorias que viriam mais tarde a fazer parte do pensamento feminista: a educação feminina e a aspiração a uma sociedade mais igualitária.

É também na França, mas no século XVII, segundo Michel (1982), que as mulheres da classe média criaram associações, onde se uniram aos homens para apoiar a revolução, e também criaram associações exclusivamente femininas para lutarem pelos seus direitos e debater sobre a sua função social.

Durante a Era Vitoriana, no século XIX, na Inglaterra a mulher passou a ter que se comportar como sujeito passivo e submisso que devia viver com total dedicação ao lar, sendo proibida até mesmo de usar sua inteligência. Tinha que seguir as regras ditadas pela sociedade de pensamento patriarcal e pela igreja. Caso viesse a desobedecer sofreria muita discriminação, pois ela era visto como violadora, como se vê nas palavras de Zolin:

> A mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa [...] a condição de subjugada da mulher deve ser tomada como sendo de vontade divina (ZOLIN, p. 164).

Percebe-se que durante a repressão sofrida em vários momentos da história que a mulher ainda assim encontrou formas para lutar por seus direitos através de movimentos feministas e assim reivindicar melhores condições, foi assim na conquista pelo direito ao voto onde o sistema social e político absorveram de alguma forma “esta conquista, que implicam no reconhecimento de sua cidadania”, segundo Alves e Pitanguy (1985, p. 49), opondo-se ao pensamento retrógado exercido pela igreja e a burguesia para “normalizar”

as mulheres, que se libertaram do enclausuramento familiar e foram as ruas clamar e lutar pelos seus direitos.

2- A mulher na Amazônia

Falar da mulher na Amazônia é voltar na história do descobrimento da própria Amazônia. É voltar às expedições dos primeiros exploradores que desbravaram esse mundo utópico que despertava o imaginário e a cobiça do europeu que até então não conhecia essa região exuberante e exótica. É voltar ao pensamento medieval no qual se acreditava no mito das mulheres guerreiras, chamadas de amazonas, que lutavam por seu território, sua honra e seus ideais. Tal mito circundava o pensamento dos vários expedicionários que por vontade de conhecer a misteriosa região amazônica se aventuram pelos leitos dos rios em busca de informações sobre a imensidão verde que pouco se conhecia.

Os primeiros relatos sobre a região datam de 1541-1542, meados do século XVI, nos documentos redigidos pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal, o cronista da expedição de Francisco Orellana, os quais foram os primeiros a terem contato com a região e relatar a presença das mulheres guerreiras da Amazônia, e tais relatos seguem nos textos que falam sobre a região até o século XIX. Segundo Gondim, com base em tais relatos, elas eram:

> [...] muito alvas e altas, com cabelo muito comprido, entrelaçado e enrolado na cabeça. Muito membrudas e andavam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. (GONDIM, 2007, p. 104).

Nesses relatos temos os primeiros vestígios da mulher na região amazônica. O imaginário dos expedicionários europeus criou o mito das lendárias mulheres guerreiras que viveram às margens do grande rio que foi batizado por eles como o rio das Amazonas em função ou homenagem a essas mulheres que pouco se sabe se existiram ou não. Nome que mais tarde seria dado ao estado do Amazonas.

A partir daí os relatos sobre a presença da mulher na Amazônia desaparecem. Ou por falta de informação ou omissão. Ou pelo fato de que até o Império a região ter ficado isolada do resto do país. Como pondera Costa, 2005:

> Dada a nebulosidade de que se revestem as informações sobre a mulher, tentar captar como se inseriu na realidade social passada da Amazônia, requer um duplo desafio: primeiro, buscar o entendimento das relações sociais políticas e econômicas que, imbricadas, produziram um determinado ideário sobre a mulher, e, segundo, o ocultamento que cerca as informações sobre a mulher, pela excessiva "naturalização" como são vistas e registradas pelos observadores as práticas de relações de gênero. É como garimpar num terreno pedregoso e de difícil acesso ao veio principal. (COSTA, 2005, p.26).

Índias, caboclas, brancas e negras aparecem no cenário amazônico, na Amazônia império-colonial, no qual os interesses econômicos da região se expandiam pelo Brasil e pela Europa. Desta forma, a mulher amazônica adquire vários arquétipos.

A mulher índia, nativa do solo amazônico, é a primeira a aparecer na região antes mesmo dos primeiros relatos dos cronistas e permanecem nela até hoje. Elas são mulheres de estatura física baixa, morenas, cabelos negros, longos e lisos.

A sua função dentro da aldeia varia de acordo com a etnia a qual ela pertence. Mas certas tarefas como o preparo do alimento, os cuidados com as crianças e algumas atividades da roça são, geralmente, da responsabilidade da mulher indígena. Por exemplo, na aldeia dos Araweté, povo indígena que vive no Pará, as mulheres têm funções um pouco diferentes. Elas são responsáveis pela produção das roupas da tribo, da coleta do milho e do urucum para a produção de tinta para as pinturas corporais, e às vezes pela prática da pesca quando essa não é feita com o timbó, planta com seiva tóxica.

Já as mulheres Krenakore que habitam o norte do estado brasileiro Mato Grosso e o sul do Pará, são responsáveis pelo cuidado das áreas agrícolas e dos serviços domésticos. No povo Kisêdjê, região do Parque do Xingu - MT, a organização social entre homens e mulheres é bem detalhada. Cada um com sua função e obrigação dentro dos regimentos da tribo. Enquanto os homens são responsáveis pela produção da canoa, do arco e da flecha, a construção das ocas, a caça e a pesca, as mulheres são responsáveis pelos trabalhos domésticos e da roça, mas entre o povo Kisêdjê há um costume no qual os homens da tribo se reúnem em uma casinha no centro da aldeia e podem fazer o que quiserem, enquanto as mulheres só podem participar dessa "reunião" se forem autorizadas por eles, além de festas e rituais onde apenas os homens podem participar.

No período colonial, com os interesses de exploração e comércio, a colonização se estendia pela região Amazônica. Com a intenção de povoamento e a afirmação do poder português, em 1755 foi criada a capitânia São José do Rio Negro no território do Grão-Pará. O governador da capitania foi Joaquim de Mello e Póvoas. Seu objetivo como

governante era adequar os nativos aos padrões da época promovendo o casamento entre soldados e índias e é a partir daí que começava o processo de miscigenação na Amazônia. Dessa mistura de brancos e índias, nasceram filhos mestiços que não eram nem índios e nem brancos, mas caboclos.

A mulher cabocla, oriunda dessa mistura de brancos e índios, é estigmatizada pela sensualidade. Fato que teve origem no processo de colonização da região, visto que, as índias eram vistas como mulheres lascivas e sexualmente pervertidas que serviam apenas para o sexo. Esse estereótipo passou a ser marca também da cabocla amazônica.

Com a decadência econômica e social do Grão-Pará, a comarca do Alto Amazonas em 1852 passa a ser província e deixa de depender dele. As condições de recuperação da economia na Amazônia começam em 1850. O ciclo da borracha marca o início dessa nova era na Amazônia. Seu primeiro ciclo teve início nas últimas décadas do século XIX. A promessa de enriquecimento fácil atraiu homens de todas as partes do mundo. Novamente o mundo estava voltado para a Amazônia, devido o seu potencial econômico. Mas é com a imigração nordestina que a população regional vai se expandir.

Com o boom da borracha, a ideia de que poderia se tornar rico em pouco tempo trouxe para a Amazônia, especialmente para o estado do Amazonas, grande número de trabalhadores para os seringais. É nos seringais que teremos a escassez da presença feminina, mas não a falta. Em romances como *A Selva* de Ferreira de Castro, *Beiradão* de Álvaro Maia, entre outros, temos o relato bem claro de como essa escassez feminina influenciava no comportamento dos seringueiros.

A rara presença feminina nos seringais transformou as mulheres em mercadoria de luxo. Quem possuía condições financeiras, “saldo”, pagava um alto preço por elas, mas os demais acabavam em práticas sexuais condenadas na época. Das práticas homossexuais à bestialidade.

> A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto premidos pelas exigências de sua vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comerciadas a preço aviltante. Enquanto o coronel podia contar com as perfumadas *coccotes*, além de suas esposas, o seringueiro resvalava para o onanismo, para a bestialidade e práticas homossexuais. Esta penosa contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher. Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o

> extrativismo da borracha, onde a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadorias, uma mobília. (SOUZA, 1978, p. 99).

Temos aqui, de forma bem clara, a desvalorização da mulher cabocla no cenário amazônico. Os contrastes entre as mulheres dessa época estão marcada pelo local que as mesmas vivem. As caboclas, índias e negras sempre estavam à margem da sociedade burguesa da capital, na época chamada de *Manaós*. Já sofriam discriminação pelo fato de ser mulher e ainda tinham que enfrentar a comercialização de seus corpos como mercadoria para a satisfação sexual de senhores seringalistas e seringueiros. Em contra mão, temos as baronesas que viviam na capital. Elas eram as mulheres brancas, ricas, de descendência europeia, as "madames", que viviam no luxo produzido pela borracha. Também havia as mulheres dos senhores da borracha. Essas mulheres tinham o perfil de mulher subordinada numa posição de inferioridade ao marido, então essa mulher vivia sob opressão social, econômica e familiar.

3. Márcio Souza e a obra "A caligrafia de Deus"

Segundo Arthur Engrácio, na obra *Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas*, Márcio Souza nasceu em Manaus em 4 de março de 1946. Até seus 20 anos, morou e estudou em Manaus. Em 1966, mudou-se para São Paulo a fim de estudar Ciências Sociais, mas em 1989 abandou o curso sem conclui-lo.

Souza começou a escrever aos 14 anos, terçando crítica ao jornal O Trabalhista, de Manaus. Ele teve importante participação no Teatro Experimental do SESC-AMAZONAS, movimento que lutava pela conservação e preservação da Amazônia. Vivendo nesse contexto do teatro, Márcio Souza escreveu boa parte de suas peças teatrais.

Residindo em São Paulo, foi cineasta, assistente de direção e produtor de comerciais para televisão. Como cineasta produziu a versão para o cinema do romance A Selva, de Ferreira de Castro e uma série de documentários. Ainda escreveu para o jornal paulista, São Paulo Shimbum e para a revista SENHOR.

Sua fama como escritor, não se restringe a apenas ao cenário amazônico, ela alcança todo o país com projeção pelo exterior. Segundo Engrácio, seu romance *Galvez, o Imperador do Acre* já foi traduzido com sucesso para várias línguas. Além de Romancista, Souza também é Historiador e crítico literário. Entre romances, peças, contos e crítica, suas principais publicações são: *O Mostrador de Sombras*, 1966; *Zona*

Franca Meu Amor, 1968; *Dessana, Dessana*, 1973; *A Paixão de Ajuricaba*, 1975; *A Maravilhosa Estória do Sapo Tarô-Bequê*, 1975; *As Folias do Látex*, 1975, *Galvez, O Imperador do Acre*, 1976, *A Expressão Amazonense: do Colonialismo ao Neocolonialismo*, 1977; *Mad Maria*, 1980; *A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi*, 1982; *O Brasileiro Voador*, 1983, *O Fim do Terceiro Mundo*, 1990; *O Empate Contra Chico Mendes*, 1990; *Breve História da Amazônia*, 1992 e o livro de contos *A Caligrafia de Deus*, 1993. Seu trabalho mais recente são crônicas que falam do Grão-Pará e Rio Negro dividas em três livros: *Lealdade*, 1997; *Desordem*, 2001 e *Revolta* 2005.

A Caligrafia de Deus é um livro de conto lançado em 1993, possui cinco contos, dos quais o conto *A Caligrafia de Deus*, conto que dá nome ao livro, foi escolhido como foco de análise neste trabalho. Cada conto tem um período diferente, mas todos elegem a cidade de Manaus como ponto de união. Manaus tem como pano de fundo o cenário de uma cidade que após o choque do declínio do Ciclo da borracha se encontra num processo de modernização e reconstrução. Uma Manaus que ao receber as personagens que buscam pela afirmação de sua personalidade, em seu cenário quase que apocalíptico, acaba contribuindo para a desintegração das mesmas.

É o caso do conto aqui analisado. Ele traz a estória de Izabel Pimentel que sai de sua cidade, no interior da floresta, e vem para Manaus em busca de melhores condições de vida, mas, ao contrário, depois de muita procura e decepção acaba como prostituta na Zona Franca.

Através de sua narrativa, Márcio Souza pinta o Amazonas sobre a tela de um cenário avassalador, decadente e trágico, no qual as forças do social encurralam o sujeito ao ponto de não ter mais saída, ele faz tudo isso com um toque de humor mordaz e crítico, característica típica do autor, aliás, muito perceptível em suas obras.

4. A figura feminina no conto "A Caligrafia de Deus"

O conto de Márcio Souza, *A Caligrafia de Deus*, é composto por mulheres com personalidades distintas, as quais mostram-se todas subjugadas as amarras sociais do meio ao qual encontram-se inseridas, como se toda mulher daquele contexto histórico-social tivesse como destino o casamento ou a prostituição, fator este que nos remete ao pensamento de Mary Del Priore, em "História das mulheres" (1998), para quem a identificação dos mecanismo de enunciação e representação histórica que incidem não só

sobre as mulheres, mas também sobre o vasto território no qual elas atuam, expressará a complexidade de suas experiências vividas:

> A história das mulheres engloba, portanto, a história de suas famílias, de suas crianças, de seu trabalho, de seu cotidiano, de suas representações na literatura, na mídia, na sociedade na qual são inseridas. Sua história é a história de seu corpo, de sua sexualidade, da violência que sofreu ou praticou, da sua loucura, dos seus amores e outros sentimentos. Sua história é, igualmente, a das representações que se fazem sobre elas, representações que fazem sonhar, como as que giram em torno da "casta", da "boa esposa e mãe", da "sedutora"; mas representações que fazem odiar, como as que cercam as feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas ou as loucas (DEL PRIORE, 1998, p. 234).

Na narrativa souzariana a mulher é retratada em diferentes aspectos, mostrando-a sob vários estereótipos. A mulher mãe, a esposa apaixonada, a filha, a mulher pobre, desgraçada. Essas mulheres, dentro do conto *A Caligrafia de Deus*, vão reforçar arquétipos para tecer uma crítica social e ideológica à sociedade manauara do inicio do século XX, principalmente na figura da protagonista Izabel Pimentel (Índia Potira), e tal personagem irá contribuir para um ponto chave dentro da obra: a desconstrução do ser.

Primeiramente, o conto é situado na pacata e pequena cidade de Iauaraté-Cachoeira, onde teremos o conhecimento das características da personalidade das principais mulheres que permeiam o conto: Maria Pimentel, Madre Lúcia e Izabel Pimentel.

A estória centra-se principalmente na vida de Izabel Pimentel: uma índia mestiça, filha de dona Maria Pimentel, uma índia tukano, e de seu Pedro Pimentel, índio baniwa. Nascida em Iauareté- Cachoeira, ela cresceu sem muita expectativa de vida, seu sobrenome Pimentel era comum a todos os habitantes de sua cidade. Foi educada na Escola Salesiana da Missão de São Miguel e quando estava de férias ia para a casa da família.

Izabel tinha um único desejo: ser beijada. O beijo não era algo comum em sua cidade. O fato era que a fascinação pelas revistas de fotonovelas que vinham do Rio de Janeiro mexia com o imaginário de Izabel e de todas as mocinhas de Iauareté-Cachoeira. O sonho de serem beijadas por aqueles galãs que protagonizavam as fotonovelas deixava as meninas muito assanhadas, loucas para uma experiência prática.

As relações entre homem e mulher dessa cidade eram comuns a todos os habitantes, por começar pelo sobrenome Pimentel. Os homens dessa cidade eram beberrões e sofriam com bicho de pé. As mulheres eram subordinadas aos maus tratos desses homens. Um exemplo claro dessa relação homem-mulher no conto, é o casamento dos pais de Izabel Pimentel que também era comum a todos os casais, que assim como o pai de Izabel, passavam o dia da seguinte forma:

> [...]bebendo uma mistura de álcool com água e coçando os edemas que os bichos-de-pé provocavam em seus dedos sujos de terra. Mas nem isso podia ser considerado uma marca registrada do pai de Izabel, invariavelmente todos os homens de Iauareté-Cachoeira, assim como se chamavam Pimentel, passavam o dia bebendo álcool misturado com água e coçando os pés inchados de bichos. Uma outra diversão do velho Pedro era espancar a mãe de Izabel duas vezes por ano. Uma no natal e outra no dia de Nossa Senhora Auxiliadora. A mãe de Izabel, uma índia tukano, tinha alguns dedos inutilizados devido a essa prática anual do marido [...] é claro que os dedos inutilizados da mãe de Izabel não serviam para identifica-la: todas as mulheres casadas apanhavam dos maridos nas mesmas datas e tinham igualmente os dedos inutilizados. (SOUZA, ano, p.)

A mãe de Izabel Pimentel, Maria Pimentel, aparece sob o estereótipo de mulher mãe, casada e submissa ao marido. Ela representa todas as mulheres casadas de Iauareté-Cachoeira que sob o julgo dos maridos beberrões sofrem com os abusos e espancamentos que são submetidas. Aqui podemos fazer uma análise da convenção social do casamento.

As relações matrimoniais apresentadas no conto convergem em um ponto em que o casamento como instituição familiar e desconstruído pelas atitudes tanto da mulher que aceita a imposição de poder masculino quanto as atitudes machistas dos homens de Iauareté-Cachoeira

Izabel Pimentel consegue escapar das amarras matrimoniais de Iauareté-Cachoeira quando essa ainda iludida por seu sonho de ser beijada, chega à conclusão de que jamais seria com aqueles dentes que ela tinha, que eram amarelados, pontudos e desalinhados, então, diante de uma proposta de Madre Lúcia, inicia-se o processo da perda de sua identidade, quando ela aceita arrancar os seus dentes em troca de uma prótese na esperança que um dia seria beijada por um homem. Mas o efeito dos novos dentes causou repulsa nos rapazes de Iauareté-Cachoeira.

> Na Missa do Galo a boca de Izabel mostrou todo o seu potencial de encantamento, quando ela entrou na Igreja e os olhares das meninas convergiam invejosamente para seu sorriso. O Padre Andreotti,

> inconformado, pensaria em Izabel como retrato falado malfeito, pois os dentes saltavam quase impudicamente do sorriso pré-colombiano da moça. Ele sabia que era uma loucura achar que duas próteses dentárias poderiam ser indecentes, mas a opinião, sem que ninguém ao menos comentasse, generalizou-se pela Missão, sobretudo no meio dos rapazes. Se as meninas de certo modo sonhavam com os dentes novos de Izabel Pimentel, os rapazes passavam a demonstrar uma evidente repulsa. É claro que nenhum moço de Iauareté-Cachoeira que honrasse o sobrenome Pimentel iria beijar dentes tão brancos e muito menos casar com uma boca que podia ficar vazia como a de uma velha a qualquer momento. (SOUZA, 1993, p. 27-28)

A partir desse episódio, sentindo-se rejeitada por seu povo, Izabel aceita o convite de Madre Lúcia para ir trabalhar no Colégio Salesiano de Manaus, e é a partir deste momento que sua vida sofrerá uma nova mudança acarretando todo um processo de (des)construção de sua personalidade neste novo ambiente.

Madre Lúcia, a freira, representa a mulher religiosa. A presença dessa mulher no cenário amazônico começa no período de 1840 com a catequização das tribos indígenas no Grão-Pará. Os traços da personalidade de Madre Lúcia nos revelam características opostos as quais seriam comuns a uma Irmã. Ao invés de ser caridosa, bondosa, paciente, entre outras qualidades que cabem a uma Madre, ela era manipuladora e revelava um pouco de loucura, além de desobediência a ordens superiores vinda do Padre Andreotti. As citações a seguir nos mostram como era a personalidade de Madre Lúcia:

> Na sala de aula, Madre Lúcia chamava Izabel para o quadro-negro e se aborrecia quando notava que ela estava lambendo os dedos sujos de giz [...] uma mulher nova como Madre Lúcia se consumindo em perseguir a loucura de Izabel, batendo-lhe com a sineta na cabeça só por ela ter perguntado se era bom beijar e se eram apenas os lábios que se tocavam num beijo. (SOUZA, 1993, p. 21-22).

> Um dia, Izabel ouviu o Padre Andreotti discutir de maneira violenta com Madre Lúcia e chamar a freira de louca, de demente, de insana, por andar extraindo dentes sãos de suas alunas. Padre Andreotti chamava Madre Lúcia de todas aquelas palavras, com a voz machucando[...]. (SOUZA, 1993, p.24)

Percebemos aqui a desfiguração do comportamento de uma freira. A proposta feita por ela a Izabel, e as suas atitudes na Missão, mostram-nos uma freira de conduta extremamente “às avessas”. Sua índole reflete em suas ações como freira, como mulher e também com educadora, visto que ela era responsável pela educação das meninas de

Iauareté-Cachoeira, atitudes estas que não condizem com as que se espera de uma religiosa, ou seja, atitudes de bondade, de bons princípios e de boa índole.

O diálogo que se faz entre o social e a personalidade das três principais figuras femininas do conto *A Caligrafia de Deus,* Izabel Pimentel, Maria Pimentel e Madre Lúcia, nos revela a crítica à sociedade feita pelo autor, ao contexto histórico-social, e de como tais personagens limitam e (des)constroem o perfil não da mulher em si, mas também do homem (sujeito) como vítima das convenções e das condições sociais do seu meio.

5. Izabel Pimentel (Índia Potira): a (des)construção do ser social

Em *A Caligrafia de Deus*, a personagem Izabel nos é apresentada sob um manto de inocência e ingenuidade que converge com a personalidade que será (des)construída quando esta, pelas adversidades do relacionamento social que ela vivia em Iauareté-Cachoeira, ao ser é transportada para a sociedade manauara, em momento de caos e de modernização na segunda metade do século XX pela implantação da Zona Franca de Manaus, no qual as consequências do pós ciclo/declínio da borracha desenham uma sociedade empobrecida e marginalizada aos olhos do resto do país.

> As transformações sociais e culturais da Zona Franca em Manaus são bastante distintas daquelas que ocorreram durante o ciclo da borracha. Enquanto a cidade era a capital mundial da borracha, Manaus rapidamente se consolidou como centro urbano, e desenvolveu os primeiros sistemas de serviços públicos, como eletricidade, distribuição de água e esgotos. Naquele período a cidade teve suas ruas pavimentadas, o seu crescimento planejado, viu crescer o número de hospitais e abriu-se para as influências culturais cosmopolitas Criou uma Universidade e construiu uma casa de óperas. É claro que todas aquelas vantagens eram direcionadas aos ricos, àqueles que lucravam com o comércio do látex. No entanto, o desenvolvimento de Manaus durante o ciclo acompanhou o crescimento populacional, sem degradação dos serviços. O oposto ocorreu com a Zona Franca de Manaus. (SOUZA, 2009, p. 338)

É nesse cenário que Izabel Pimentel (des)construirá sua personalidade. O ato de coragem que ela teve ao abandonar sua terra e ir para Manaus, lugar totalmente desconhecido para ela, que até então não havia saído de Iauareté-Cahoeira, poderia ser visto como um ato de bravura e rompimento das amarras sociais as quais ela seria subjugada se continuasse ali, como os maus tratos sofridos por sua mãe, mas as condições

sociais que a cercavam acabaram por reforçar o estereótipo de mulher subjugada aos caprichos da sociedade e do homem.

Do início do conto ao seu final, temos a evolução de Izabel Pimentel, menina ingênua de Iauareté-Cachoeira, para Índia-Potira, prostituta, mulher sofrida e revoltada com as condições sociais em que vive.

Após sua chegada em Manaus, e depois de um tempo trabalhando no Colégio Salesiano, Izabel Pimentel foge e consegue um emprego na Zona Franca como operária de uma montadora de fita cassete. As condições de seu trabalho eram péssimas e humilhantes, o salário era baixo, o espaço de trabalho muito pequeno, o calor, a mão de obra pesada e ainda a ofensiva vistoria que ela sofria ao final do turno, tudo isso fazia parte do trabalho dela. A vida maravilhosa que Izabel pensou que teria não aconteceu.

Devido às más condições de seu trabalho, Izabel Pimentel acaba por frequentar uma boate chamada "O Selvagem". É a partir desse momento que acontece a transformação de Izabel Pimentel para Índia-Potira. A menina inocente da cidadezinha do interior que se transforma na prostituta de uma boate de quinta.

> A Índia-Potira não gostava nada de ter as mãos nojentas de um guarda qualquer apalpando o seu traseiro todos os dias, só para saber se ela não teria enfiado algum transístor no rabo. Acabou comprando um vestido de brocado japonês, bem curtinho, e frequentando a boate, *O Selvagem*, seguindo o convite de um chofer de táxi, seu primeiro cliente e que lhe deixou uma boa grana. A Índia-Potira achou que seria uma loucura se voltasse a trabalhar na fábrica Sayonara Eletrônica, onde ganhava uma mixaria por mês e uma dedada por dia, quando numa só noite e em cada dedada ela podia faturar dez vezes o maldito salário que aqueles filhos da puta pagavam. (SOUZA, 1993, p.33)

A (des)construção do seu caráter reitera as condições sociais a que ela é submetida. As transformações sociais que aconteciam na Manaus da década de 70 têm influencia profunda no comportamento social de Izabel. A afirmação da sua índole se funda ao mesmo tempo em que se contestam as possibilidades do novo, e que, segundo Hall, isso se dá a partir das mudanças que ocorrem no meio social e cultural.

> [...] as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas ao final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2005, p.09)

As questões da identidade sociocultural de Izabel Pimentel (Índia-Potira) são reflexos das condições sociais nas quais ela se encontrava. Apesar de ser uma personagem que mostra coragem para enfrentar a sociedade e algumas condições do poder patriarcal, ainda assim torna-se submissa na condição de mulher esposa, quando esta em busca de não sofrer o que as mulheres de sua cidade natal sofriam, termina sob circunstâncias piores, tornando-se conhecida por seu trabalho como prostituta e companheira de um assaltante chamado Catarro, e é através da vida dele que temos conhecimento da vida de Izabel Pimentel depois que ela abandona o emprego na Zona Franca até sua morte.

A morte de Izabel Pimentel, ainda culmina com a ideia que ela tinha de que Deus escreve certo por linhas tortas. Ela sobreviveu com esse ditado popular na mente, mas não apenas como um mero ditado e sim como a escrita de seu próprio destino. Ela acreditava que não poderia mudar o que Deus, ou o destino, analisados aqui como as convenções sociais, tinha escrito pra ela, inclusive a de seu fim trágico, morta com apenas 20 anos e três furos de bala de fuzil na cabeça.

Izabel Pimentel (Índia-Potira) acreditava, desde seus anos em Iauareté-Cachoeira, que tudo que acontecia com ela, era de vontade divina, não importava se o acontecido era bom ou ruim, ela sempre atribuiria o fato a caligrafia Divina (Deus), que quis escrever a sua história daquela maneira. O ditado popular de que “Deus escreve certo por linhas tortas” era a justificativa social da condição degradante em que ela estava. Essa frase ecoava na cabeça de Izabel Pimentel desde a primeira vez que a ouviu, quando ela tentava convencer sua mãe a comprar as revistas de fotonovelas que vinham do Rio de Janeiro, cheias de estórias românticas, então sua mãe tentando explicar a baixa condição social e financeira da família, justifica falando a máxima popular “Deus escreve certo por linhas tortas”. A análise desse fato relaciona-se a própria vida de Izabel Pimentel, que mesmo acreditando na escrita de seu destino pelas mãos de Deus, sempre estava sendo inferiorizada como ser social, oprimida pelas convenções sociais, ou seja, sua vida pessoal e social estavam nas mãos de Deus pela caligrafia Dele, que no conto podem simbolizar a própria sociedade, que por suas convenções sociais em que o mais forte quase sempre vence, oprime, destrói e marginaliza aqueles que não conseguem se adaptar a seus moldes.

O fato é que, enquanto Izabel buscava construir sua identidade como mulher e sujeito social, ela sempre esbarrava nos muros das convenções sociais, no qual mulheres como ela não tinham outro caminho a tomar que não fosse a situação humilhante de pobre

e marginalizada socialmente, que culmina com a perda da própria identidade, tudo isso sob um estereótipo do ser social degradado por uma problematização dada por seus conflitos interiores (psicológicos) e exteriores (sociais), que culminam com a desconstrução do indivíduo, assim como pondera Cândido "O *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto, *interno*" (2000, p. 6).

A intensidade da vida pessoal e social de Izabel Pimentel (Índia-Potira) nos leva a confirmação de que ela, com a personificação do ser social, viveu de sua infância ingênua em Iauareté-Cachoeira até sua vida promiscua na Manaus, como sujeito marginalizado e degradante perante as convenções culturais e sociais que a oprimiam, reforçando o estereótipo de mulher desvalorizada socialmente. Todos os conflitos de Izabel nos fazem suscitar uma reflexão sobre a desconstrução dos valores da mulher que norteiam a sociedade e sob essa ótica a análise de Izabel como a desconstrução do ser social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalhou propôs uma análise em torno da figura feminina como representação da desconstrução do ser social frente à sociedade manauara da metade do século XX. A análise foi feita através da personagem principal do conto *A Caligrafia de Deus*, Izabel Pimentel, na qual temos a personificação da mulher como sujeito social degradado pelas convenções sociais que a cercavam.

A análise da mulher estereotipada foi feito aqui não como o foco do trabalho, mas para evidenciar como as amarras sociais e culturais da mulher da época, influenciavam na relação sujeito-sociedade.

Izabel Pimentel, que primeiramente apresenta uma inocência ingênua, por efeito das influências de Madre Lúcia, deixa sua cidadezinha e é ejetada numa sociedade manauara que ainda está em recuperação da turbulenta fase do ciclo da borracha, onde ela, em busca da afirmação de sua personalidade, se envolve em circunstâncias humilhantes as quais refletem profundamente as marcas da sua índole.

Com o estudo realizado aqui foi possível ter uma visão mais esclarecedora sobre os pensamentos em relação a figura feminina e como essa figura personifica a desconstrução e a degradação da personalidade do ser que, em meio ao caos da reestruturação sociedade manauara do século XX, não consegue se livrar do destino que

essa sociedade opressora impõe ao indivíduo. E mesmo que ele tente se libertar, sempre haverá caminhos, ou escritos, que o levem para o seu destino trágico

Quando nos deparamos com as personagens femininas podemos perceber e compreender de forma clara como o autor delineou essas mulheres sob estereótipos, não para ferir a imagem do ser feminino, mas para mostrar como o ser em frente a seus conflitos sociais, culturais e internos, não consegue se desvincular do aviltamento da condição humana resultante de suas condições, como é o caso de Izabel Pimentel, vítima de uma sociedade que a impulsionou para sua autodestruição.

REFERÊNCIAS

Acesso em 12/10/2014 as 14hs15min: http://pibmirim.socioambiental.org/como-vivem/quem-faz-o-que

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** 8ª ed. – São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus. EDUA, 2005.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 217-235.

ENGRÁCIO, Arthur. **Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas**. Manaus: UA, 1994.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MICHEL, Andrée. **O feminismo.** Uma abordagem histórica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SOUZA, Márcio. **A Caligrafia de Deus**. São Paulo: Marco Zero, 1993.

_____. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

_____. **A História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009

WOOLF, Virginia. **Profissões para Mulheres e outros artigos Feministas.** Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literiária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 217 - 255.